

**A PRESENÇA DA LITERATURA/CULTURA PORTUGUESAS EM PERIÓDICOS  
PAULISTAS - 1900-1922<sup>1</sup>****Rosane Gazolla Alves FEITOSA\***

**Resumo:** Partindo-se do pressuposto de que existe uma interligação, por meio da presença da literatura/cultura portuguesa, entre Portugal e a cidade de São Paulo – no período de 1900-1922, caracterizado ainda como pré-modernista brasileiro –, a proposta deste texto dirige-se ao comentário de alguns periódicos (*O Estado de S. Paulo; A Vida Moderna; O Pirralho*), visto que “[...] há uma história da literatura que se projeta na cidade de S. Paulo; e há uma história da cidade de S. Paulo que se projeta na literatura.” (CANDIDO, 1975). Assim, pretende-se verificar como a presença da literatura/cultura portuguesa (principalmente autores canônicos do século XIX) repercutiu na vida social e intelectual da cidade de São Paulo, para melhor compreensão das formas de sociabilidade, bem como da caracterização das diferentes etapas percorridas pela literatura brasileira em São Paulo.

**Palavras-chave:** Periódico. Literatura Portuguesa. História da Literatura.

**PORTUGUESE LITERATURE AND CULTURE IN PERIODICALS PUBLISHED IN THE  
CITY OF SAO PAULO - 1900-1922**

**Abstract:** In light of the presence of Portuguese literature and culture, and with the presumption that a link exists between Portugal and the City of Sao Paulo from 1900 to 1922, characterized as a pre-modernist epic, the aim of this text directs itself toward the analysis of a selection of periodicals published in Sao Paulo at that time: *O Estado de S. Paulo; A Vida Moderna; O Pirralho*. From the quotation: “there is a history of literature that projects itself into the City of Sao Paulo; and there is a history of the City of Sao Paulo that projects itself into literature (CANDIDO, 1975), a verification will be made of how the presence of Portuguese literature and culture (especially 19<sup>th</sup> century canonical authors) spread into the social and intellectual life of the City of Sao Paulo, to better understand the forms of sociability as well as the characterization of the different stages Brazilian literature passed through in the City of Sao Paulo.

**Keywords:** Periodical. Portuguese Literature. History of Literature.

---

\*Professora Doutora - Departamento de Literatura e do Programa de Pós-graduação em Letras - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP- Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis, Av. Dom Antonio, 2100, CEP 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. E-mail: [feitosarlc@uol.com.br](mailto:feitosarlc@uol.com.br)

## Introdução

Este texto toma como ponto de partida a seguinte reflexão: “[...] há uma história da literatura que se projeta na cidade de S. Paulo; e há uma história da cidade de S. Paulo que se projeta na literatura”, reflexão esta apresentada pelo professor e crítico brasileiro, Antonio Candido, no capítulo em que estuda “A literatura na evolução de uma comunidade” (1975, p.139-67). Tomando a literatura, independente do lugar de origem e adotando como critério a participação da literatura na comunidade, Candido propõe a caracterização das diferentes etapas da literatura brasileira.

Segundo Antonio Candido, a cidade de São Paulo apresentava características peculiares e, talvez, “[...] sua influência marque literariamente os que nela vivem, de modo mais forte que as do lugar onde nascem.” (CANDIDO, 1975, p.139).

A literatura manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais; “[...] talvez nunca tenha havido em S. Paulo uma coincidência tão grande entre a inspiração dos criadores, o gosto do público, a aprovação das elites.” (CANDIDO, 1975, p.159). Nesse período, a literatura tinha uma expressão acentuada de classe, porque houve uma real incorporação da literatura à vida das classes dominantes da cidade de S. Paulo. A literatura e os escritores se integram na comunidade. Como a sociedade é de classes, constituiu-se uma literatura convencional, ajustada aos padrões de refinamento e inteligibilidade da classe dominante, cujo prestígio garante a sua difusão pelas outras camadas. Como exemplo, cita-se os conhecidos escritores paulistas da época, que viviam em S. Paulo: os professores Francisca Júlia e Sílvio de Almeida e o gramático eminente Júlio Ribeiro.

Com base em tal afirmação, a proposta do presente trabalho é empreender um comentário dos periódicos paulistas, demorando-se mais em *O Estado de S. Paulo*, e mais rapidamente em *O Pirralho* e *A Vida Moderna*, publicados neste período, a fim de avaliar em que medida a literatura/cultura portuguesa teve uma “[...] participação na vida social e espiritual da cidade de São Paulo.” (CANDIDO, p.139). Esta participação será verificada por meio da presença de textos literários escritos por autores portugueses, por aqueles que remetem a esses textos e respectivos autores, como também por meio da presença dos textos que comentam sobre a vida sociocultural portuguesa. Esta pesquisa procurou verificar, também, quais autores/textos portugueses realizaram uma incorporação efetiva da literatura à vida da comunidade paulistana.

A caracterização dada à literatura produzida nesse momento cultural de transição de início de século – 1900/1922 – está ainda mal definida pelo termo “pré-modernista”, criado por Tristão de Ataíde, em 1932. Segundo Alfredo Bosi (1967, p.11), sua caracterização pode ser vista com base em dois sentidos: “1º) dando ao prefixo ‘pré’ uma conotação meramente

temporal de anterioridade; 2<sup>o</sup>) dando ao mesmo elemento um sentido forte de precedência temática e formal em relação à literatura modernista”. Sob certa perspectiva, as obras pré-modernistas contêm traços conservadores que realimentam antigas formas de sensibilidade do leitor, mas, se examinadas a partir dos modernistas de 22, pode-se dizer que antecipam algumas de suas inovações, configurando uma história viva das ideias e dos problemas que emergiram no processo de transformação por que passavam os paulistas, e que refletiam a realidade de todo o país.

Como diz Antonio Candido:

[...] a literatura brasileira no século XX se divide quase naturalmente em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945. [...] sob esse ponto de vista o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é da fase 1900-1922. (CANDIDO, 1975, p.112).  
[...] o Modernismo é, de todas as nossas correntes literárias, a que adquiriu tonalidades especificamente paulistanas. (CANDIDO, 1975, p. 165).

Entre a literatura e a cidade, nesse período de 1900-1922, jornais como *O Estado de S. Paulo* (1875/1890-...), a revista *A Vida Moderna* (1907-1929), de grande circulação e o jornal alternativo, *O Pirralho* (1911-1917) intermedeiam a produção literária e a vida sociopolítica paulista. Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é contribuir para o estudo da história da literatura luso-brasileira, mais especificamente, verificar a presença da literatura/cultura portuguesa nesse período, convencionalmente denominado “Pré-modernismo”, em que se evidencia o esforço da intelectualidade da época para tentar compreender o Brasil.<sup>2</sup>

## **1 O periódico -*O Estado de S. Paulo***

No século XIX, jornais, e em seguida revistas, tornam-se instrumentos correntes de informação, consignando-se aos primeiros as notícias de teor político e de divulgação imediata. O novo gênero – periódico – consolida-se como ramo expressivo da imprensa, mais do que isso, passa a ser disputado por escritores reconhecidos, que têm, nas páginas avulsas do jornal, o espaço alternativo para divulgação de seus escritos. (Cf. MARTINS, 2001, p.38)

*O Paulista*, considerado o primeiro periódico paulista, foi criado em 1823, mas já em 1850, o número de jornais na cidade de São Paulo girava em torno de 47; no decênio de 1851-60, mais 55 novos periódicos apareceram “Só o ano de 60, viu aparecer nada menos de 12 periódicos, ou seja, a média de um por mês o que, para uma população de 20.000 almas, já não é pouco.” (FREITAS, 1915, p.17).

Dos jornais paulistanos, poucos tiveram uma existência longa. Até 1915, ainda estavam em atividade ininterrupta, o *Correio Paulistano* (fundado em 1854); a *Província de S. Paulo*, atual *O Estado de S. Paulo* (1875); o *Diário Popular* (1884) e *A Platéia* (com subtítulo *Diário da Tarde* - 1888) (FREITAS, 1915, p.18).

O jornal *A Província de S. Paulo*, a princípio, francamente republicano, teve como redator, Francisco Rangel Pestana e Américo Brasílio de Campos, este até 1884, quando se desligou do jornal, juntamente com o português José Maria Lisboa, que exercia o cargo de administrador da empresa. Ambos foram substituídos por Alberto Salles, e este sucedido por Julio Mesquita, em 1891, cargo ocupado até a morte deste, em 1927. Após a proclamação da República, o jornal, em janeiro de 1890, passou a denominar-se *O Estado de S. Paulo*.

Ainda em 1890, a empresa adquiriu a máquina Marinoni, tornando-se um jornal moderno para a época, capaz de figurar ao lado dos diários cariocas, que, à noite, eram vendidos pelas ruas e praças. Em 1908, todo o material tipográfico foi reformado, com a aquisição da máquina Albert,

[...] podendo produzir cada uma delas [a máquina Marinoni e a Albert] 24.000 exemplares por hora, até 64 páginas. O jornal sai dobrado, e, passando por máquinas especiais, vai recebendo os endereços para a remessa. Em seguida, é dirigido para os caminhões que se vão carregando à porta do edifício, logo que está lotado, parte para a estação de trem. (O ESTADO DE S. PAULO, 01 jan. 1939, p. 4).

A redação do jornal foi, desde os primeiros tempos, um centro de atividade literária. Com o decorrer dos anos, esse fato se acentuou:

Todas as noites iam para lá, tomar um café, que ficou famoso na história de nossas letras, [...] Olavo Bilac, Emilio de Menezes, Graça Aranha, João do Rio, Rodrigo Octavio, juntando-se com Amadeu Amaral, Arnaldo Viera de Carvalho, Nestor Pestana [...]. Aquela redação foi igualmente um centro de artistas estrangeiros, músicos, pintores, escultores, etc., que chegando a S. Paulo, para ela afluíam, levados naturalmente pela sua condição admirável e pela fama de um dos maiores e mais eficientes centros irradiadores de cultura do país. (O ESTADO DE S. PAULO, 01 jan. 1939, p. 4).

Trocando letras por números, o jornal possuía, no interior dos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina, cerca de 540 correspondentes e agentes comerciais (*O Estado de S. Paulo*, 1939, p. 4). Por volta de 1916, tinha correspondentes próprios em Lisboa, Roma, Paris, Londres, Washington e Buenos Aires.

Julio Mesquita, filho de comerciante português chegado ao Brasil na metade do século XIX, vivenciou as mudanças estruturais da imprensa e esteve sempre atento às inovações tecnológicas, proporcionando ao jornal resultados significativos: aumento da

tiragem, queda do preço do exemplar, dinamização na distribuição e posse do maior parque gráfico ao sul do Equador.

Quanto à tiragem, houve expressivo aumento: em 1888, com 4 mil exemplares diários, disputava a liderança local. A sequência da evolução pode ser assim descrita: 1901, 12 mil; 1908, 18 mil; 1912, 35 mil; 1916, 45 mil; 1917, 52 mil. Quando Julio Mesquita morreu, em 1927, o jornal atingiu a tiragem de 60 mil exemplares diários. Na época, a cidade tinha 570 mil habitantes, sendo mais da metade constituída de analfabetos.

Depois de conhecer o contexto de atuação sociopolítica e econômica de *O Estado de S. Paulo*, pretende-se focalizar o período de 1900 a 1911, por ser considerado, por meio da pesquisa, o período que concentra um volume maior de publicações de artigos sobre literatura/cultura portuguesa no referido jornal. O ano de 1910 representa um momento em que o referido jornal já se firmara como uma grande empresa do setor de comunicações.

O regime republicano havia provocado uma debandada de jornalistas na direção do serviço público, começando pelo diretor de redação, Francisco Rangel Pestana. De acordo com Caldeira (2002, p. 28), Julio Mesquita contratou emigrados portugueses, especialmente para os importantes cargos de revisores e normatizadores da produção; contou com a colaboração direta e indireta de escritores e jornalistas portugueses, como Maria Amália Vaz de Carvalho, Ramalho Ortigão, Pinheiro Chagas, Mariano Pina, Guilherme de Azevedo, Fialho de Almeida, Abel Botelho, Jaime Batalha Reis. Outros nomes portugueses não tão conhecidos na época, também colaboraram ativamente: Gaspar da Silva (Visconde de S. Boaventura), Carlos Malheiro Dias, Antonio Maria Bettencourt, João Luso, João Grave, Visconde de Santo Thyrsó, Conde de Sabugosa, Filinto de Almeida, Carolina Michaelis, Ricardo Severo, Lobo d'Ávila Lima.

## 1.2 Seções do jornal

Com a diagramação bem próxima a do jornal *A Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro (8 a 30 páginas), *O Estado de S. Paulo* apresentava as seguintes colunas fixas: a) “Folhetim”, localizada na primeira página, seguindo a disposição da página do jornal carioca acima referido. Nessa página, eram divulgados em capítulos, textos literários de autores conhecidos do grande público; b) “Jornais do Rio”, em que se fazia comentários sobre os jornais e notícias publicados no Rio de Janeiro; c) “Notas e Informações”, incluía notícias sobre acontecimentos sociais da cidade; d) “Notícias Diversas”, sobre o cotidiano, crimes; e) “Notícias do Interior e do Litoral” ou “Telegramas”, sobre as cidades interioranas paulistas; f) “Notícias de Minas”; g) “Notícias do Paraná”; h) “Exterior”, notícias rápidas sobre os vários países da Europa, inclusive Portugal; i) “Notícias da Europa”, reportagens maiores sobre diversos países europeus, notícias estas que chegavam de navio; j) “Falecimentos”,

informava os óbitos de São Paulo, Rio de Janeiro e Lisboa; k) “Fora da Pátria”, sobre política estrangeira; l) “Movimento Associativo”, agremiações e associações beneficentes, teatrais; m) “Palcos e Circos” sobre teatro, peças e autores de São Paulo, Rio de Janeiro e Portugal; n) “Do meu e do Alheio”, sobre política e assuntos gerais; o) “O que há de novo”, sobre política brasileira; p) “Tribunais”, sobre poderes jurídicos; q) “Sport”, turfe, futebol e esportes em geral; r) “Ônibus”, sobre várias informações cotidianas; s) “Fluminenses”, de autoria de João Luso, noticiava assuntos sobre o Rio de Janeiro e, às vezes, sobre literatura; t) “Classificados”; u) Propaganda (Cf. MÜLLER, 2007).

Algumas seções fixas continham maior quantidade de literatura: a) “Divagações”, assinada por Sílvio de Almeida, às segundas-feiras, tratava de assuntos variados, como poética, literatura brasileira, portuguesa, francesa, ciências, linguística, astronomia; b) “Crônicas Portuguesas”, escrita por João Grave, Dr. Bettencourt Rodrigues, Lobo d’Ávila Lima, lente da Universidade de Coimbra e Abel Botelho, escritor naturalista, todos portugueses; c) “Folhetim”, geralmente textos de autores estrangeiros traduzidos para o português. Havia, ainda, a seção cultural “Artes e Artistas”, sobre pintores, músicos, atores e autores diversos.

A leitura de folhetins parece que era bastante apreciada pelo público, pois, no período 1900-1922, *O Estado de S. Paulo* publicou, ininterruptamente, 45 romances-folhetins, (Cf. DEL FIORENTINO, 1982, p.124-5), sendo a maior parte de autores estrangeiros traduzidos. Entre os que tiveram mais de uma obra publicada, destacam-se: Alexandre Dumas, pai (francês, 1802-1870) (06 obras); Enrique Perez Escrich-(espanhol, 1829-1897) (06 obras); D. Manuel Fernandez Y Gonzalez (02 obras); Xavier Aymon, conde de Montépin (1823-1902) (03 obras); Ponson du Terrail (Pierre Aléxis, Conde Ponson du Terrail (francês, 1829/1871), criador do célebre personagem Rocambole (03 obras). Cabe ressaltar que apenas dois desses folhetins contêm produções de autores portugueses, a saber: *Selvagem*, de A. Carlos Ferreira, publicado no início de 1900 e *As duas fiandeiras*, de Francisco Gomes de Amorim, de março a abril do mesmo ano. Foram publicados, ainda, os romances de Elias Berthet (1900); Emilio Castelar (1902); Eugène Sue (1903); Camille Bonheur (1906); Álvaro Carrillo (1914) e Walter Scott (1920). (Cf. DEL FIORENTINO, 1982, p.115-6.)

### 1.3 Matérias e autores veiculados

No período de 1900-22, registrou-se um total de 241 matérias acerca de Portugal, considerando-se o conceito de matéria estabelecido por Rabaça e Barbosa (1995, p.390) como “[...] tudo o que é publicado, ou feito para ser publicado, por um jornal ou revista, incluindo textos e ilustrações. Tanto o original de qualquer artigo, notícia, crônica, nota, etc.;

[...]” (Cf. MÜLLER, 2007, p.108). Destas publicações, a notícia (relato de fatos ou acontecimentos atuais, de interesse e importância para a comunidade e capaz de ser compreendido pelo público e dever envolver atualidade, veracidade, oportunidade, interesse humano, raridade, curiosidade, importância e consequências para a comunidade, etc.) pode ser destacada com 84 ocorrências, seguida da divulgação/transcrição de poema (79) e de artigo (34).

Levando-se em consideração a frequência nessas matérias, os cinco primeiros autores citados eram: Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Guerra Junqueiro, João Penha. Quanto às obras, destacaram-se: *Os Lusíadas* (Camões), *O crime do padre Amaro*, *A relíquia*, *As Farpas*, (Eça de Queirós), *História de Portugal* (Oliveira Martins). Os temas recorrentes indicavam: publicação de poemas (inéditos ou não); homenagens (a autores portugueses, bem como textos de pequenos discursos ocorridos em cerimônias, notícias de construção de monumentos); lançamentos de livros (comentários ou pequenas resenhas críticas); comentário/análise de obras. Dentre os cinco principais articulistas, podem ser destacados: o jornalista português, Gaspar da Silva (G.S.) - Visconde de S. Boaventura, correspondente do *OESP* em Portugal, com 166 matérias, seguido de Sílvio de Almeida, com 21 matérias.

À guisa de balanço, pode-se perceber “[...] claros esforços em aproximar ambos países e sobretudo estreitar os laços culturais que os uniam [...]”, e também “[...] uma forte presença dos discursos cientificistas aplicados às matérias para justificar uma pretensa ‘supremacia’ da raça e da literatura lusitanas” (MÜLLER, 2007, p. 167):

Porque o merecimento dos homens pouco depende da instrução, porém muito da sua força intelectual. Apesar dos sofismos do igualitarismo, incapaz de veneração, todos não são iguais, ainda na igualdade das condições de meio, lugar e tempo: assim o século dezesseis [...] fez surgir apenas um Camões”. (DIVAGAÇÕES..., 04/05/1908, p.1).

Tomando o ano de 1910, por amostragem, verifica-se um total de 14 artigos sobre literatura portuguesa publicados na seção “Divagações”, dispostos em duas ou três colunas, na primeira página do jornal, com assinatura de Sílvio de Almeida, famoso escritor paulista, professor de português e dono de colégio, na época. Nessa seção, encontram-se comentários, ligeira crítica literária, resenha crítica acerca de autores portugueses diversos, tais como: Cristovam Falcão, Camões, Bernadim Ribeiro, António Vieira, Garrett, Alexandre Herculano, Antero de Quental, Eça de Queirós, Abel Botelho. O articulista também incluía, nessa seção, a crítica de livros, como por exemplo, o de Maria da Cunha Cândido de Figueiredo, *Trindades*; o de Carolina Michaelis de Vasconcelos, *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular* e o livro de poemas da autora. Na seção “Exterior”, em que

comumente lê-se sobre países europeus, foi publicada uma homenagem a Alexandre Herculano, reverenciado intelectual do Romantismo português, realizada em 29 de abril, pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco, por ocasião do centenário do seu nascimento. Estas atividades foram integralmente descritas, assim como os discursos publicados, ocupando toda essa homenagem cerca de duas páginas inteiras do jornal.

## 2. Revista *A Vida Moderna e O Pirralho*

Num momento de modernização da cidade de S. Paulo, mudavam-se os hábitos, preocupava-se com a elegância. A nova classe social burguesa, “[...] recém-formada, que refinava os costumes segundo o modelo europeu, envernizada de academismo, decadentismo e art-nouveau.” (CANDIDO, 1975, p.158). A literatura vai tornar-se manifestação desta nova classe e se torna uma atividade social, na medida em que deixa de ser uma manifestação grupal e é absorvida pela comunidade, “[...] definida segundo os padrões da gente culta, incorporada à classe dominante e dispersando-se a partir dela pela população.” (CANDIDO, 1975, p. 158).

“Nesse terceiro momento [1900-1922], a literatura torna-se acentuadamente *social*, no sentido mundano da palavra. Manifesta-se na atividade dos profissionais liberais, nas revistas, nos jornais, nos salões que então aparecem.” (CANDIDO, 1975, p. 158). Nesse período, as revistas tiveram um papel essencial no Brasil, em função da própria imprensa no país. “Foi naquele período que surgiu a ideia de revista como negócio. Vingavam as de consumo. Revistas literárias eram conhecidas por durar pouco tempo, daí a inserção da literatura em outros tipos de publicação.” (MARTINS, 2001, p. 4).

Um exemplo desse tipo de publicação é a revista *A Vida Moderna* (1907-1929), periódico muito importante na época. Inovador, com organização bem estruturada: um corpo editorial bem composto; jornalistas enviados aos principais estados brasileiros (Rio de Janeiro, Minas Gerais) e possuía na direção grandes nomes: em 1907, Arthur Reis Teixeira e a partir de 1913, o português Garcia Redondo, que era diretor e redator chefe; em 1916 Simões Pinto assumiu a função de diretor literário; em 1918, Moacyr Piza o substituiu e permaneceu até 1922. A revista ainda mantinha laços editoriais com o grupo de *O Estado de S. Paulo*, e, paulatinamente, foi sendo modernizada, constituindo-se em um empreendimento comercial de sucesso, como mostra Moraes (2007).

A revista media 19x28cm, tinha mais ou menos 40 páginas por exemplar, divididas em duas ou três colunas, mas este número oscilava bastante. Sua periodicidade começou em 1907, como quinzenal, durante o período de 1912 a 1914 passou a ser semanal, e, a partir de 1915, voltou a ser quinzenal até o fim de sua publicação em 1929, com um total de 533 exemplares.

O conteúdo era variado. Trazia muitas biografias de figuras relacionadas a Política, Artes, Ciências, História, além de comentários sobre empreendimentos industriais e comerciais de São Paulo, produtos novos, geralmente relacionados à higiene e à beleza. Fazia coberturas de festas, eventos, Primeira Guerra Mundial e esportes da classe social paulista mais alta, mostrando personalidades da sociedade e do meio político, além de fatos e comentários sobre bares, salões e teatros. O tema política era presença constante por meio de fotos e notícias sobre os prefeitos, governadores, presidentes ou sobre candidatos a cargos políticos e suas respectivas famílias, tema este reforçado pelas charges, ironizando-o. (Cf. MORAES, 2007).

O periódico era considerado moderno, ao mostrar conteúdos iconográficos em praticamente todas as suas páginas. Trazia muitos desenhos, caricaturas, charges, vinhetas e histórias em quadrinhos, e principalmente fotografias que eram a grande “moda” para a época e *A Vida Moderna*, essas fotos, muitas vezes, ocupavam páginas inteiras.

Apesar desta revista apresentar-se como de variedades e, aparentemente, sem qualquer compromisso com a literatura, a presença de textos literários foi constante e intensa em suas páginas. Nelson Sodrê afirma que, a partir do início do século XX, a literatura alcança uma maior influência do conteúdo das revistas denominadas de variedades.

As revistas ilustradas, aparecendo na fase em que imprensa e literatura se confundiam e como que separando, ou esboçando a separação entre as duas atividades, submeteram-se, inicialmente, ao domínio da alienação cultural então vigente, buscando emancipar-se depois ao se tornarem principalmente mundanas, e até femininas umas, e principalmente críticas outras. (SODRÊ, 1999, p. 32).

Todo periódico que se prezasse tinha suas seções literárias. *A Vida Moderna* não era diferente e possuía uma quantidade considerável de literatura em seu conteúdo como a seção de crônicas, que mudou de nome por várias vezes sob os títulos *Crônica*, *Chroniqueta*, *Crônica do Rio*, *Chronica Fotográfica*, *Ver e Falar*, *Moscas e Cabelos Moscas*, *Sol de Portugal* e, algumas vezes, aparecia sem título específico. Essa seção foi uma das poucas que pode ser considerada permanente e que esteve presente em todos os exemplares, aparecendo muitas vezes na página do expediente, ocupando cerca de uma coluna e meia a duas colunas, mas também aparecia ao longo da revista, chegando a até quatro crônicas por exemplar. Era assinada por vários autores e não possuía ilustrações (Cf. MORAES, 2007).

Nesta seção, destacavam-se as crônicas publicadas com o título “Sol de Portugal”, assinadas sempre por Orlando Marçal, em alguns exemplares da revista, durante os anos

de 1914 e 1915, sempre com lugar de destaque, geralmente no centro da revista, ocupando-se da vida política e social de Portugal.

A poesia era uma constante na revista e apesar de representar cerca de 70% da parte literária da revista, muitas vezes não era publicada em uma seção específica, mas aparecia sob o título “Sonetos” ou “Sonetinos”, ou se alternava com fotos ou gravuras, que ocupavam páginas inteiras. Pequenas poesias eram publicadas em meio a outras seções, pois, sempre, o nome em destaque era o da própria poesia, assinada por autores como Gomes Cardim, Carvalho Aranha, Themudo Lessa e Oscar Brisola, entre outros.

Os contos também eram muito publicados. Apareciam de maneira dispersa e sem um nome específico de seção ao longo da revista. Existiam, também, os contos na seção infantil e em épocas especiais como as do Natal. A seção *Livros e Autores* possuía espaço pequeno na revista, além de não aparecer em grande parte dos exemplares. Uma coluna que oscilava muito, publicada poucas vezes, denominada *Artes e Letras*, trazia notas sobre exposições de artes, novos livros e peças de teatro.

Os autores que tiveram trechos de seus textos publicados em *A Vida Moderna* ou que foram alvo de referência por meio de homenagens, poemas ou notas são: Camões, Vieira, Garrett, Herculano, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão.

À vista do que foi comentado acerca dos dois periódicos publicados na cidade de São Paulo – *O Estado de S.Paulo* e *A Vida Moderna* – a recepção da literatura portuguesa estava sintonizada com os autores canônicos (Camões, Padre António Vieira), os da primeira metade do século XIX (Garrett, Alexandre Herculano) e os da segunda metade, a Geração de 70, (Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Guerra Junqueiro, Antero de Quental).

A presença da literatura portuguesa também se fazia marcante em um jornal, que pretendia colocar-se na imprensa como alternativo – *O Pirralho* (12/08/1911 a 15/10/1917 - 245 números) – tabloide semanário de, normalmente, dezesseis páginas, editado em São Paulo e dirigido por Oswald de Andrade e Dolor de Brito, com “[...] carácter de revista leve, literária e humorística (O PIRRALHO, n.173). Possuía seções de literatura, mundanismo, esportes, espetáculos. [...]. Posteriormente, passou a ter uma atuação mais claramente literária, sem nunca perder, porém, o caráter político.” (ANTUNES,1998, p.20).

Também Mário da Silva Brito (BRITO, 1964, p.31), estudioso do Modernismo brasileiro, salienta que contemporâneos de Oswald de Andrade, no início da carreira literária, “[...] eram predominantemente parnasianos. [...]. Os autores prediletos [...] eram Anatole France e Eça de Queiroz [...]”.

Em 02 de janeiro de 1915, ano IV, n.168, *O Pirralho* começa a publicar uma seção com artigos-resposta à *enquête*, seção comum, interativa na época, sobre Fradique Mendes – personagem de Eça de Queirós – sempre de página inteira, com três colunas e uma foto

do jornalista que estava assinando a coluna naquele dia, com o título “A nossa enquête sobre Fradique Mendes” e o subtítulo “Fala-nos \_\_\_\_\_(nome / autor das respostas).” Foram catorze artigos-resposta, publicados até o n.185 de 1º de maio de 1915. “O Pirralho realizou grandes programas de inquéritos literários, em que eram ouvidos tantos escritores do Rio como de São Paulo. [...] como perguntas bem à moda do ‘1900’ sobre a elegância de Fradique Mendes.[...]” (BROCA, 1956, p.229).

Falar em admiração para exprimir o sentimento, no Brasil, com relação a Eça de Queirós, é pouco. Afirma Brito Broca (1956, p.122) que Eça de Queirós na literatura brasileira, “[...] foi também moda literária, que se iniciou por volta de 1878, quando se divulgou aqui o *Primo Basílio* – implantando o que os cronistas da época chamavam de basilismo – até a guerra de 1914 mais ou menos.”

Essa admiração foi vivida pelo professor e crítico Antonio Cândido, externada em depoimento (6º Congresso AIL - Associação Internacional de Lusitanistas Rio de Janeiro - 09/08/1999) no qual reafirmou a influência decisiva de autores e de livros portugueses na formação literária e política de toda uma geração de escritores e pensadores brasileiros, mais precisamente de sua geração, os nascidos entre 1910 e 1920:

Na nossa geração houve uma influência anacrônica da cultura portuguesa. [...] uma presença viva da geração de 1870 – aqueles que nossos pais liam, como Eça de Queiroz, Oliveira Martins, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão. [...]. Naquela época Eça era presença mais viva e avassaladora. Era uma mania; sabíamos de cor trechos de seus livros, fazíamos concursos como: em que livro de Eça um personagem usa um alfinete de gravata que é um macaco comendo uma pera? (ZAPPA, 1999, p.4).

Num momento de modernização da cidade, todo o refinamento se refletia na moda literária e Eça de Queiroz teve realçados os aspectos de dandismo de sua obra. Talvez por isso, Fradique Mendes tenha se tornado símbolo do surperfino, do ultraperfeito, talvez, também, devido ao destaque do aspecto mundano da obra de Eça. “Atravessávamos precisamente uma época em que a vida dos autores se tornava mais interessante do que as obras.” (BROCA, 1956, p.209).

Do que se tratava este inquérito? Leiamos o que diz a coluna “*A nossa enquête*” de 27 de fevereiro:

Todo mundo sabe que *O Pirralho* abriu um inquérito meio literário e meio mundano para saber o que se pensava em São Paulo da questão da vida superior e elegante e que por marco de referência tomou a figura de Fradique Mendes. [...], uma iniciativa de moços no sentido de dar incremento ao nosso meio intelectual. (ENQUÊTE, *O Pirralho*, n.179).

A enquête constava de três perguntas: “1º Será Fradique Mendes um tipo representativo da vida superior? 2º Será Fradique um elegante perfeito? 3º Em caso de resposta negativa, qual o tipo ideal de homem?” (n. 179) (A ortografia será atualizada sempre que necessário).

Responderam a este inquérito as seguintes personalidades: 1- Amadeu Amaral (2 jan., n.168), 2- Octavio Augusto (9 jan., n.169), 3- Jacomino Define (16 jan., n.170), 4- Nuto Sant Anna (23 jan., n.171), 5- Claudio de Souza (30 jan., n.172), 6- G. de Andrade e Almeida (Guilherme de Almeida - 6 fev., n.173), 7- Pedro Rodrigues de Almeida (13 fev., n.174), 8- Ricardo Severo (6 mar., n.177), 9- Moacyr Pisa (13 mar., n.178), 10- Plínio Barreto (20 mar., n.179), 11- José Augusto (27 mar., n.180), 12- Monteiro Lobato (3 abr., n.182), 13- Adalgiso Pereira (10 abr., n.183), 14- Juó Bananére (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado - 1 maio, n.185).

A maioria destes jornalistas era formada em Direito, outros em Medicina e um deles era estudante de Engenharia Civil por ocasião da publicação das respostas. Estavam na faixa dos 23 a 40 anos, todos escreviam para um ou mais jornais e revistas e exerciam profissões variadas: jornalista, escritor, promotor, médico, homem público, delegado, poeta, caricaturista.

Todos os que responderam ao inquérito feito pelo jornal *O Pirralho* conheciam Eça de Queirós e já haviam lido alguma obra sua, especialmente *O Primo Basílio*. Com exceção de um, Moacyr de Toledo Pisa, todos conheciam *A Correspondência de Fradique Mendes*, publicada a partir de 1888 no jornal *A Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro e em *O Repórter*, de Lisboa, e um ano depois na *Revista de Portugal*; só após a morte de Eça, em 16/08/1900, aparecerá em livro.

A resposta dada por Juó Bananére (n.185) em quase uma página e meia, que para o conceituado crítico brasileiro, Wilson Martins, (1978, v.6, p.23) foi a melhor, é “[...] bastante cômica a irreverente” (LEITE, 1996, p.178), e “[...] no seu dialeto ítalo-brasileiro atingia em vivo o formalismo ‘raffiné’ de Fradique” (BROCA, 1956, p.126). Juó Bananére, personagem criada pelo então estudante de Engenharia Civil (Escola Politécnica-SP), Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (Pindamonhangaba-SP-11/04/1892-22/08/1933), responde à *enquête de O Pirralho*, em italiano macarrônico, uma imitação do falar de imigrantes italianos da cidade de São Paulo, misturado a um português caipira.

Bananére associa logo o nome da personagem Fradique à obra e ainda faz menção ao nome do brasileiro muito amigo de Eça de Queirós, Eduardo Prado, demonstrando perfeito conhecimento do universo queirosiano:

[...] Intó non si vê lógo che illo é um personagio da romanzo! É só a genti lê a “Currispundenza du Frederico Mendeso” pra vê che non pode sê reale un

funzionario como illo. illo non é né o Duardo Prado, né o Eça ne nada, come quere dizé arguns troxa. Andove giá si vi um uomo chi cunhece profundamente tutas riligió dol Universimo? (BANANÉRE, Enquête, *O Pirralho*, n.185).

Bananére também tem a mesma opinião dos outros que responderam ao inquérito, dizendo que Fradique não era um tipo representativo de vida superior, porque para ele, este é uma personagem ideal, irreal, literária, muito perfeita para existir: “O Frederico non passa di un tipo indiale, una criaçó literarima, sê pé né gabeza [...], pur causa che um uómo acussi non podi inzesti: – é una frikçó”.

Ainda respondendo à pergunta sobre o tipo ideal diz: “Na migna pinió um nómo pra sê perfetto pricisa tê cincos qualidadi: 1) Non sê molhere; 2) sê xique e inleganti; 3) tê talentimo; 4) sabê p ra burro; 5) afazê a barba nu migno saló.” (BANANÉRE, Enquête, *O Pirralho*, n.185)

Ocupando uma página e meia de rasgados elogios a Eça de Queirós, Lobato respondeu favoravelmente a todas as questões relacionadas a Fradique. Deixa explícita sua admiração por Eça de Queirós e sua obra:

Eu de mim continuo a admirar Fradique com a mesma parva admiração de seu biógrafo, e, até, não me pejo confessá-lo: invejo-o! [...] — Seja. Aqui na terra, cevando porcos, tendo como único enlevo estético o cedro. [...] responderia à Fada que se me brotasse do solo propondo uma metamorfose à Fausto: quero ser Carlos Fradique Mendes, e já! (LOBATO, Enquête, *O Pirralho*, n.182).

Em pleno vigor do ainda chamado Pré-Modernismo brasileiro, Eça esteve presente na lista dos mais lidos nos fins do século XIX e começo do XX no Brasil. Eça/Fradique ocupou as páginas de alguns jornais da cidade e mente dos intelectuais de São Paulo, dando provas da grande influência de seus textos e de sua pessoa.

Pensando no público leitor brasileiro, pode-se concordar com Jauss (1994, p.81) quando discorre que “[...] a História da Literatura é um processo de recepção e produção estética que se efetiva na atualização de textos literários realizados pelo **leitor**, que os conhece; pelo **escritor** que se transforma, por sua vez, em produtor, e pelo **crítico** que reflete sobre tudo isso.”

Confirma-se, deste modo, a integração da literatura e dos escritores portugueses acima referidos à comunidade da cidade de São Paulo, que, neste período tem a literatura ajustada ao sistema oficial (jornais, salões, academias, correntes de opinião), à ordem burguesa tradicional, conforme os padrões da classe dominante, passando a literatura a ser um elemento da ordem social. “Resultado: talvez nunca tenha havido em S. Paulo uma

coincidência tão grande entre a inspiração dos criadores, o gosto do público, a aprovação das elites.” (CANDIDO, 1975, p.159).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a literatura/cultura portuguesa, participou da vida social e intelectual, contribuindo para as formas de sociabilidade na caracterização das diferentes etapas da literatura brasileira em São Paulo. (Cf. CANDIDO, 1975, p.142).

Recebido em 31/8/2011

Aprovado em 8/11/2011

## NOTAS

<sup>1</sup> O presente texto, com modificações, foi parcialmente apresentado no IX Congresso Internacional de Lusitanistas, na Ilha da Madeira (Portugal), em 2008.

<sup>2</sup> O presente texto foi elaborado com base em dois projetos de Iniciação Científica: “A recepção crítica e literária da literatura portuguesa em *O Estado de S. Paulo* - 1900-1911” e “A recepção crítica e literária da literatura portuguesa em *O Estado de S. Paulo* - 1912-1922” (ambos com financiamento FAPESP). O primeiro projeto resultou na dissertação de mestrado, “Ruptura ou tradição? A crítica e a literatura portuguesa em *O Estado de S. Paulo* no Pré-modernismo brasileiro - 1900-1911” (desenvolvida na USP e defendida em abril/2007, com financiamento FAPESP); o segundo projeto resultou no catálogo - “Literatura Portuguesa”, publicado no site [www.cedap.assis.unesp.br/publicacoes/literatura\\_portuguesa/literatura\\_portuguesa.html](http://www.cedap.assis.unesp.br/publicacoes/literatura_portuguesa/literatura_portuguesa.html), do Centro de Apoio à Documentação e à Pesquisa - CEDAP -, da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Assis. Este texto também está vinculado à dissertação de mestrado: “*A Vida Moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de S. Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português*” (financiamento CNPq, defendida em fevereiro/2007), todos os projetos, sob minha orientação, desenvolvidos na FLC-UNESP/Assis.

## REFERÊNCIAS

A VIDA MODERNA (revista). São Paulo, 1907-1922.

AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira: gramática e vocabulário. Pref. Paulo Duarte. 3.ed. São Paulo: Hucitec, Secretaria da Ciência e Tecnologia, 1976. 195 p.

ANTUNES, Benedito (org. e estudo). Juó Bananére: as cartas d’ Abaix o Pignes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. (Prismas). 511 p.

BANANÉRE, Juó (Alexandre Ribeiro Marcondes Machado). Enquête. O Pirralho, São Paulo, nº185, 1 de maio de 1915.

BOSI, Alfredo. A literatura brasileira: o pré-modernismo. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1967. v.5. 158 p.

\_\_\_\_\_. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1970. 571 p.

BRITO, Mário da Silva. História do modernismo brasileiro: antecedentes da Semana de Arte Moderna. 2.ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. 322 p.

BROCA, Brito. A vida literária no Brasil-1900. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1956. 275 p.

CALDEIRA, Jorge. Julio Mesquita, fundador do jornalismo moderno no Brasil. In: MESQUITA, Julio. A guerra (1914-1918). São Paulo: Terceiro Nome, 2002. v.1, p.21-33.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária. 4.ed. rev. São Paulo: Nacional, 1975. 193 p.

DEL FIORENTINO, Teresinha Aparecida. Prosa de ficção em São Paulo: produção e consumo (1900-1922). São Paulo: HUCITEC; Secretaria de Estado da Cultura, 1982. 129 p.

DIVAGAÇÕES. O Estado de S. Paulo. 04 de Maio de 1908, p.1.

FREITAS, Affonso A. de. A imprensa periódica de São Paulo: os seus primórdios em 1823 até 1914. São Paulo: Tipografia do "Diário Oficial", 1915. 813 p.

JAUSS, Hans Robert. A história da literatura como provocação à teoria literária. Trad. Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994. 78 p.

LEITE, Silvia Helena Telaaroli de Almeida. Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura paulista (1900-1920). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996. (Prismas). 253 p.

LOBATO, Monteiro. Enquête. O Pirralho. São Paulo, nº182, 1915.

MARTINS, Ana Luiza. Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República. São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp: Imprensa Oficial de São Paulo, 2001. 593 p.

MARTINS, Wilson. História da inteligência brasileira. São Paulo: Cultrix, 1978, v.6. 596 p.

MORAES, Juliana Lopes. A vida moderna (1907-1922), o periódico-vitrine da cidade de São Paulo: tempos de modernidade com um leve toque português. 2007. 214 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007. Disponível em: <<http://polo3.assis.unesp.br/posgraduacao/teses/letras/julianalopesdemoraes.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2011.

MÜLLER, Fernanda Suely. Ruptura ou tradição? A crítica e a literatura portuguesa em O Estado de S. Paulo no pré-modernismo brasileiro: 1900-1911. 2007. v.1, 249 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-01112007-144956/pt-br.php>>. Acesso em 28 ago. 2011.

O ESTADO DE S. PAULO (periódico). 01 de Janeiro de 1939, p.4.

ENQUÊTE. O Pirralho (revista). São Paulo, 27 de Fevereiro, nº 179, 1915.

QUEIROZ, Eça de. Correspondência de Fradique Mendes. Porto: Lello & Irmão, 1979. v.2, p.983-1107 (Obras completas de Eça de Queiroz).

---

RABAÇA, Carlos A.; BARBOSA, Gustavo. Dicionário de Comunicação. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. 637 p.

SODRÉ, Nelson Werneck. História da imprensa no Brasil. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. 583 p.

ZAPPA, Regina. A semente portuguesa. Jornal do Brasil, 15 ago.1999, Caderno B, p.4.